

ANTONIO UMBUZEIRO

ANNUNAKI

AQUELES QUE DESCERAM DO CÉU



ANTES DA HUMANIDADE... ELES JÁ ESTAVAM AQUI.

— LIVRO 1 —

TEMPOS PRÉVIOS

ANTONIO UMBUZEIRO

ANNUNAKI

AQUELES QUE DESCERAM DO CÉU

LIVRO I

TEMPOS PRÉVIOS

2ª Edição
Versão Modificada e Ampliada

2026

Copyright © 2026 Antonio Umbuzeiro
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, distribuída ou transmitida, sob qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem autorização prévia e por escrito do autor, exceto em citações breves para fins de crítica, resenha ou estudo acadêmico.

Nota sobre o uso de Inteligência Artificial:

As artes conceituais, capa e ilustrações desta obra foram produzidas com auxílio de inteligência artificial generativa, (ChatGPT/OpenAI), sob direção criativa, composição e finalização do autor.

Projeto de capa: Antonio Umbuzeiro

Arte e imagem da capa: Produzida com auxílio de inteligência artificial generativa (ChatGPT/OpenAI), sob direção criativa, edição e composição do autor e finalizada pelo capista.

Capista: André Francolino de Aquino

Leitura Crítica: Kasa Editorial

Revisão: José Carlos Prandini

Diagramação: Raquel Ramos

Foto: Fábio Pina

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Umbuzeiro, Antonio
Annunaki : aqueles que desceram do céu :
livro 1 : tempos prévios / Antonio Umbuzeiro. --
2. ed. versão modificada e ampliada -- Altamira,
PA : Ed. do Autor, 2026.

ISBN 978-65-02-31230-8

1. Ficção brasileira I. Título.

26-388347.0

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

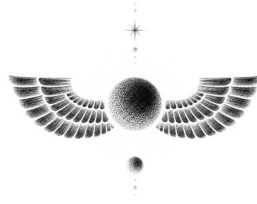
Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638



2ª edição — 2026
Altamira — Pará — Brasil

...existe uma câmara debaixo da pata direita da Esfinge de Gizé, que conduz à entrada da Tumba dos Arquivos. Não se pode acessar estes Arquivos sem discernimento, já que aqueles que foram escolhidos como Guardiões não permitirão a entrada até que tenha transcorrido um prazo de regeneração na Montanha ou que se tenha iniciado a Quinta Raça Raiz.

EDGAR CAYCE –
O Profeta Adormecido



O IMORTAL DO DILÚVIO

8.000 anos após o Dilúvio

Gilgamesh, o rei de Uruk, está quase chegando ao fim de sua epopeia: cruzou rios, mares e desertos, lutou com homens e feras e, agora, chega à casa de Ziusudra, conhecido por seus súditos como Utnapishtim.

Ele salta do barco.

Seu aspecto não é agradável está sujo, maltrapilho e com uma longa barba. Na bolsa pendurada no quadril, traz a arma de raios do Annunaki Utu e, nas costas, um arco e uma aljava com flechas. Utu, também chamado de Shamash, era o deus protetor do rei e, por essa razão, presenteou-o com sua arma de raios.

O rei de Uruk vagueou por muito tempo longe de sua casa e de seu reino. Andou por muitos lugares e, depois de muito procurar, chegou ali.

Tempos atrás, reinava de forma absoluta e tirânica em Uruk, chegando a tomar à força as noivas no dia do casamento.

Por seus abusos e sua tirania, os Annunaki reuniram-se em Conselho e enviaram um ser para acalmar e serenar o inquieto rei.

Enkidu, o enviado, tornou-se grande amigo de Gilgamesh.

O rei resolveu levar consigo Enkidu até a Floresta de Cedros, onde ficava o espaçoporto dos nibiruanos e, ao tentarem entrar sem autorização, tiveram que enfrentar Humbaba, o Vigilante.

Enkidu ainda avisou ao rei para não o enfrentar, mas o teimoso Gilgamesh não lhe deu ouvidos e forçou a entrada no portão exterior do complexo dos Annunaki.

Humbaba reagiu.

Um violento combate com armas de raios e luta corpo a corpo se desenrolou às portas do gigantesco complexo.

O acompanhante de Gilgamesh, vendo o rei em apuros e prestes a perder a luta, foi forçado a intervir para ajudá-lo, e juntos derrotaram o guardião da entrada sul.

Passada a contenda, ambos perceberam o erro de tê-lo matado e se retiraram, adentrando a enorme floresta que cercava o local.

Os poucos Annunaki que estavam no espaçoporto foram alertados pelos lampejos dos disparos e, ao chegarem ao portão, verificaram que o vigilante estava morto e sem cabeça, tendo ainda tempo de avistar o rei e seu fiel amigo correndo e adentrando a floresta, carregando um saco.

Os dois fugiram de volta a Uruk em uma caminhada que duraria mais de uma semana.

Muito tempo depois, ao partir para uma nova odisseia, ele estava ali, na margem daquela região alagadiça.

Impaciente, esperava o velho barqueiro que o guiara pelo meio do Mar de Juncos amarrar o barco, para que se dirigissem à imponente casa de pedra situada no topo de um morro, no centro de uma pequena ilha.

Momentos antes de chegar em terra, o velho havia tocado uma pequena trombeta para avisar Ziusudra de sua chegada.

— Então, esta é a morada do Imortal, barqueiro? — perguntou Gilgamesh, ainda recuperando o fôlego da viagem. — Depois de tudo o que atravessei, não posso voltar sem respostas.

— É aqui — respondeu o barqueiro, prendendo o barco. — Poucos homens chegaram tão longe. Menos ainda voltaram os mesmos.

— Muito do que fiz em Uruk me trouxe até este lugar — murmurou Gilgamesh, o olhar perdido na água. — Enkidu pagou pelos meus excessos. Não deixarei que a morte dele tenha sido em vão.

— Carregas muitas culpas nos ombros, rei — disse Urshanabi, sério. — Mas Ziusudra não é juiz nem carrasco. Ele apenas conhece aquilo que tanto temes.

— Não foi a primeira vez que desafiei os Annunaki — disse Gilgamesh, cerrando os punhos. — Enfrentei Humbaba, rompi limites. Agora quero enfrentar aquilo que nenhum homem vence: o fim.

— Desta vez, tua arma de raios nada poderá contra o que buscas — advertiu o barqueiro. — Aqui não há portões para arrombar, apenas verdades para ouvir.

— Corremos daquela floresta como culpados — lembrou Gilgamesh, a voz baixa. — Agora corro de outro inimigo: o tempo.

— E mesmo assim chegaste até aqui — respondeu Urshanabi. — Talvez os deuses ainda não tenham fechado todas as portas para ti.

— Tocaste a trombeta, Urshanabi — disse o rei. — Ziusudra sabe que chegaste trazendo alguém.

— Ele sabe — respondeu o barqueiro. — Mas saber que eu trouxe alguém não quer dizer que ele ouvirá o que esse alguém quer. Prepara teu coração, Gilgamesh. Às vezes, os imortais oferecem consolo, não soluções.

— Não vim atrás de consolo — retrucou o rei. — Vim atrás de uma forma de não descer ao pó como os outros homens.

— Então escuta com atenção tudo o que ele disser — aconselhou Urshanabi. — A resposta que receberes pode não ser a que desejas, mas será a única que um Imortal pode dar a um rei mortal.

Em determinado ponto, o barqueiro apontou para um platô.

— Lá no alto mora o Imortal do Dilúvio — disse-lhe o barqueiro.

O recém-chegado olhou para a estrada de piso de pedras, ricamente ornamentada com estátuas de animais em suas laterais e lindos pomares ao redor. Apesar da distância, a casa no alto parecia um pequeno palácio.

— *Uma casa digna de um imortal* — pensou o rei.

— Leva-me até ele, Urshanabi — disse Gilgamesh, por fim. — Que meus passos completem o caminho que meu coração começou no dia em que perdi Enkidu.

— Irei ao teu lado até a porta; se ele me convidar, entrarei — respondeu o barqueiro. — Senão, ficarás sozinho diante daquele que venceu o Dilúvio... mas não a solidão dos homens.

Ziusudra e sua esposa ouviram o som da trombeta e, em pé no terraço, olhavam para o barco que acabara de encostar em terra firme e observavam os dois homens que dele desciam e que agora subiam a estrada em sua direção.

Ao lado do barqueiro, Gilgamesh subiu na direção dos sobreviventes do Castigo dos Deuses, quando as águas cobriram tudo.

Sua busca era a imortalidade, e ele queria viver tanto quanto sua mãe, uma deusa Annunaki. Era filho de uma deusa com um semideus da Terra. Recusava-se a morrer e queria a chave da imortalidade que se dizia que Ziusudra sabia onde encontrar.

O rei, embora fosse dois terços deus e um terço humano, era mortal. Era alto e forte como os deuses, com estatura de mais de dois metros, como um Annunaki — um gigante —, e, mesmo assim, continuava mortal.

Na subida até a casa do Imortal do Dilúvio, o rei ficava a divagar: — *Eu sou filho de uma deusa, tenho direito à imortalidade como qualquer deles!*

Na sua odisseia para chegar até o homem que escapara do Dilúvio, recusara-se até a ser amante de uma deusa — e não qualquer uma: a deusa guerreira e celestial Inanna, também conhecida como Ishtar.

— Não! Tu te desfazes de teus amantes assim que te cansas deles! — teve a ousadia de dizer isso a ela.

Atraiu para si a ira da deusa rejeitada por um semideus.

Indignada, ela partiu em direção a Nippur, onde morava o Chefe Supremo dos Annunaki na Terra, para reclamar a desfeita junto a Enlil, valendo-se de uma mentira.

Próxima do Enlace céu-terra ficava a imensa morada do chefe dos astronautas de Nibiru.

— Gilgamesh me ultrajou; quero soltar meu Touro contra Uruk.

Tanto insistiu que conseguiu a aprovação. E soltou o Touro, que matou milhares em Uruk.

Gilgamesh e seu amigo Enkidu, com a ajuda do deus Utu, mataram o Touro de Inanna, que voltou humilhada para seu templo, bem longe de Uruk.

Incitados por Inanna, o Conselho dos Deuses votou pela morte de Enkidu, pois ele havia ajudado a matar Humbaba e agora havia ajudado a matar o Touro de Inanna.

O Conselho poupou Gilgamesh por ele ser filho de uma deusa.

Enkidu então morreu e o rei caiu em prantos.

Agora ele não queria ter o mesmo fim de Enkidu: queria ser imortal.

Tomado por essa obsessão, partiu sozinho em uma odisseia e, depois de muito tempo, conseguiu a informação de que uma taberneira que morava próxima a um pântano sabia onde vivia Ziusudra.

Conseguiu chegar até Siduru — a Taberneira.

Bateu à porta da casa com força:

— Siduru! — gritou.

De dentro, a voz da mulher soou desconfiada:

— Vai-te embora, estranho. Não sirvo bebida a ladrões nem dou abrigo a assassinos das estepes.

Gilgamesh aproximou-se ainda mais da porta, batendo novamente com força.

— Abre, mulher! — vociferou. — Quero falar contigo.

— Quanto mais gritas, menos pareces homem de bem — retrucou Siduru sem destrancar a porta. — Teu rosto está coberto de sujeira, tuas roupas estão em farrapos, tua barba é um ninho de dias e dias sem descanso. Afasta-te da minha porta!

O rei, furioso e aos gritos, deu-lhe um ultimato curto e direto:

— Sou Gilgamesh, rei de Uruk. Diz-me o caminho até Utnapishtim, aquele que outrora também era chamado de Ziusudra.

Houve um breve silêncio atrás da porta.

A voz de Siduru veio mais baixa, carregando surpresa e ironia:

— Gilgamesh, o rei que fazia tremer Uruk? — murmurou. — É assim que chegas à minha porta? Esfarrapado, com o rosto queimado pelo sol, parecendo mais um bandido do que um senhor de muralhas?

— Não importa como chego, importa o que quero — rosnou o rei. — Abre essa porta, taberneira, ou a derrubo.

— Experimenta — respondeu ela, com firmeza. — Mas antes lembra-te: há portas que não se abrem com gritos. Até agora, só vejo o tirano de Uruk, não o homem que mereça informações.

Gilgamesh mordeu os lábios, impaciente, mas conteve a mão.

— Enkidu, um grande amigo meu, morreu — disse, a voz perdendo um pouco da fúria. — Os deuses o levaram diante dos meus olhos. Desde então, cada dia pesa como pedra. Não vim até aqui por vinho nem por abrigo. Vim porque dizem que tu sabes onde mora aquele que escapou da morte, e eu também busco essa imortalidade.

Do outro lado, Siduru respirou fundo.

O barulho de madeira arrastando indicou que ela se aproximava da porta.

— Muitos homens perderam amigos — replicou —, mas nem todos vêm bater à minha porta pedindo o que nem os deuses concedem com facilidade. — Sua voz endureceu novamente. — Tu podes ser o matador de feras e do touro de uma deusa, filho de outra deusa, mas não podes ser imortal. Só o Conselho dos Doze pode votar a teu favor. E sei quem tu és... aquele que cometeu o pecado de possuir à força as noivas de Uruk no dia do casamento delas, antes do marido. Não conseguirás a eternidade.

As palavras cortaram Gilgamesh como lâminas.

Ele deu um passo atrás, como se tivesse levado um golpe invisível, mas conseguiu controlar a irritação:

— Fui tirano, sim. Tomei o que quis — retrucou —, mas também ergui muralhas, venci monstros, fiz o nome de Uruk ecoar entre homens e deuses. Se os Annunaki me pouparam quando matamos Humbaba, podem ir além e conceder-me a vida sem fim. Tu, Siduru, não te atrevas a fechar-me o caminho!

— E ainda assim tremes diante da morte como qualquer um — devolveu Siduru.

Por um instante, só se ouviu o vento passando pela frente da casa e o murmúrio distante do pântano.

Gilgamesh, impaciente, respondeu:

— Mulher, preciso chegar a Utnapishtim, nem que, para isso, tenha que levar-te comigo à força.

Do outro lado, a madeira rangeu sob o toque de Siduru, que finalmente encostou a testa na porta, como se medisse com o próprio corpo o perigo que corria.

— Assim fala o homem que tomava noivas à força em Uruk — disse ela, em tom frio. — És o mesmo de antes, então? Achas que a imortalidade pode ser arrancada como uma jovem do altar do casamento?

— Esse assunto é coisa do meu passado — retrucou o rei, com a voz rouca. — Não me restam templos a consultar nem sábios a interrogar. Cheguei à tua porta. Não me mandes embora de mãos vazias, porque não irei.

Houve mais um silêncio.

Por fim, ouviu-se o som do ferrolho deslizando.

A porta se abriu apenas uma fresta, o suficiente para que um olho desconfiado o observasse. Siduru o viu por fim: o rei de Uruk, sujo, com a barba desgrenhada e as vestes rasgadas pela viagem, mas ainda com um brilho obstinado nos olhos.

— És mesmo Gilgamesh — admitiu. — Reconheço nos teus olhos o homem que julgava que nenhum limite lhe servia. — Abriu um pouco mais a porta, sem se afastar dela. — E vejo o peso do luto sobre teus ombros. Isso, pelo menos, é novo.

Gilgamesh a fitou, respirando pesadamente.

— Então me ajuda — pediu, sem gritar desta vez.

Siduru o avaliou por mais um momento, consciente de que, se o negasse, talvez ele a levasse à força; se aceitasse, podia atrair a ira de forças maiores que a de um rei.

A mulher, por fim, sob o risco de ser forçada a ceder, viu-se convencida a ajudá-lo.

— Entra um pouco, bebe água — disse ela, abrindo só o bastante para deixá-lo passar. — Não quero que digas que Siduru recusou abrigo a um homem quebrado pela perda.

Gilgamesh entrou, curvando-se levemente. O interior era simples, com jarros, bancos e um cheiro leve de cevada e ervas. Siduru se manteve a uma distância segura.

— Fala, então — insistiu ele, após molhar a garganta. — O que sabes sobre Utnapishtim?

Siduru cruzou os braços.

— Sei que ele vive afastado dos homens — disse. — Sei que os Annunaki o separaram dos demais — não por mérito de espada, mas por decreto. — Fitou Gilgamesh com seriedade. — Sei também que o caminho até ele não é para qualquer desesperado que bate à minha porta.

— Não sou qualquer um — retrucou o rei. — Sou aquele que matou Humbaba e o Touro Celeste, sou filho de uma deusa. Sou aquele que os deuses não fulminaram, mesmo depois de tantos excessos.

— Talvez tenham te poupado porque ainda esperam que aprendas alguma coisa — respondeu Siduru. — E talvez essa seja tua única chance. Mas como não sou eu quem te dará a imortalidade, e sim o caminho que vais trilhar depois de sair daqui, não será da minha conta saber teu destino.

Inspirou fundo e disse:

— Ouve bem, Gilgamesh — disse Siduru, apontando para fora, na direção do pântano. — Na margem das águas vive um homem chamado Urshanabi. Ele conhece os caminhos traiçoeiros que levam até o Imortal do Dilúvio. Se há alguém que pode te levar até Utnapishtim, é ele.

— E onde encontro esse barqueiro? — perguntou o rei, já se erguendo.

— Segue o pântano até onde a terra começa a ceder sob teus pés — explicou Siduru. — O caminho é guardado por dois seres; não são apenas carne e osso, mas também medo e provação. Se passares por eles, verás o barco de Urshanabi. — Seus olhos se estreitaram. — Mas lembra: chegar ao Imortal não garante que te tornarás igual a ele.

Gilgamesh assentiu, decidido.

— Já tive portões e guardiões diante de mim antes — respondeu. — Enfrentarei esses seres, encontrarei Urshanabi, chegarei a Utnapishtim. Se os deuses me negarem a eternidade, que ao menos o façam depois de terem me visto bater à porta de todos os caminhos possíveis.

Siduru o acompanhou até a porta.

Gilgamesh seguiu o caminho indicado pela taberneira.

Entretanto, chegar até a margem do pântano não foi fácil.

O caminho para o lugar onde morava o barqueiro era guardado por dois seres.

O rei de Uruk, que em sua extraordinária viagem enfrentara inúmeros perigos, não seria detido por dois vigilantes. Eliminou-os rapidamente com disparos da arma de raios e prosseguiu até o Mar de Juncos.

Mas, ao disparar, cometeu o erro de atingir as gaiolas que prendiam as serpentes *urnu*, que fugiram para o Mar de Juncos e agora estariam de volta às águas da morte, de onde tinham sido tiradas há milhares de anos por Ziusudra, que as prendera nas gaiolas.

Indiferente, apenas as viu de soslaio adentrando o pântano.

Já havia enfrentado coisas mais perigosas e, por isso, nem se importou com a fuga das serpentes.

O rei preferia chamar Ziusudra de Utnapishtim, pois era o nome que os moradores de Uruk usavam para se referir ao ser que salvou os humanos e os animais do Castigo dos Deuses — punição imposta por Enlil, que não aceitava a criação do povo de cabeças pretas pelo meio-irmão Annunaki Enki.

Encontrou Urshanabi na porta de sua moradia de pedra.

Gilgamesh repetiu ao barqueiro a mesma apresentação arrogante que fizera à taberneira, exigindo saber o caminho até Utnapishtim.

Urshanabi, que estava sentado à soleira remendando um pedaço de cordame, ergueu os olhos devagar. Mediu o estranho de cima a baixo: roupas em farrapos, corpo coberto de poeira, barba longa e desgrenhada, mas um olhar que ainda queimava como brasa.

— Foste rápido em dizer quem és — respondeu o barqueiro. — Gilgamesh de Uruk, filho de deusa, matador de feras e de touro celeste... Mas nada disso muda o cheiro de viagem que há em ti, nem o medo da morte que vejo nos teus olhos.

— Não falei de medo — retrucou o rei, com impaciência. — Falei de propósito. Atravessei terras e desertos, venci monstros, desafiei os Annunaki. Não vim até a beira deste pântano para ouvir um barqueiro duvidar de mim. Tu, que conheces o caminho, dize-me: onde vive Utnapishtim?

Urshanabi apoiou as mãos nos joelhos e se levantou lentamente, como fazem os que já carregaram muito peso.

— Todos que chegam aqui falam de propósito — disse ele. — Mas, por trás de cada palavra grandiosa, o que encontro é sempre o mesmo: medo. Medo do fim, medo de ser esquecido, medo de que tudo o que ergueram se desfaça como lama na chuva. — Apertou os olhos. — E por que achas que devo ser eu a te ajudar a fugir daquilo de que ninguém escapa?

— Porque disseram que só tu podes atravessar essas águas traiçoeiras — respondeu Gilgamesh. — Disseram que és o barqueiro do Imortal do Dilúvio. Se alguém pode me levar até Utnapishtim, és tu.

O barqueiro soltou um riso curto, sem alegria.

— Muitos sabem apontar para mim quando o assunto é o Imortal — replicou. — Mas nenhum deles fica aqui para ouvir o preço da travessia. Não falo de moedas ou presentes, Gilgamesh; falo do que isso atrai. Os Annunaki vigiam estes caminhos. Levar um homem comum já é perigoso. Levar um rei que matou Humbaba e provocou a ira dos deuses... é quase pedir um castigo.

Gilgamesh deu um passo à frente, aproximando-se da porta de pedra.

— Já fui punido quando tiraram Enkidu de mim — disse, com a voz mais pesada. — Desde então, cada dia é como uma lâmina sobre a minha cabeça. Se os deuses quiserem castigar-me de novo, que o façam depois que eu falar com Utnapishtim. Não antes.

Urshanabi o fitou em silêncio por alguns instantes, como quem pesa não apenas o homem à sua frente, mas também a sombra dos deuses sobre ele.

O barqueiro tentou, inutilmente, dissuadi-lo da ideia de ir até o Imortal do Dilúvio.

— Escute, rei de Uruk — começou Urshanabi. — As águas que cercam a morada de Utnapishtim não são simples. São pântanos traiçoeiros, cheios de serpentes, redemoinhos e coisas que nem mesmo eu, que as cruzo há anos, ousou nomear. — Seus olhos se estreitaram. — Muitos pediram para ir. Alguns eram bravos guerreiros, outros sábios, outros desesperados como tu. Nenhum voltou com a imortalidade. A maioria nem voltou.

Gilgamesh cruzou os braços, desafiador.

— Eu não sou “a maioria” — retrucou. — Sou Gilgamesh, que já pisou no espaçoporto dos nibiruanos e derrubou o Vigilante da Floresta de Cedros. Já vi mais perigos do que qualquer homem verá em uma vida inteira.

— E ainda assim não aprendeste a recuar — respondeu Urshanabi. — Sabes o que é Utnapishtim? — perguntou, aproximando-se um pouco. — Ele não é apenas “o Imortal do Dilúvio”, é um protegido dos deuses. Isso não te basta para que retornes a Uruk?

— Então queres que eu volte para Uruk de mãos vazias? — rebateu Gilgamesh. — Que eu aceite a morte como qualquer pastor que nunca ergueu uma muralha?

Urshanabi suspirou.

— Quero que compreendas que nem tudo se conquista com força e teimosia — disse. — Utnapishtim não ganhou a vida eterna na ponta da espada. Os Annunaki o separaram dos demais por um decreto que não se repete facilmente. — Fez uma breve pausa. — Se eu te levar até ele, talvez só obtenhas a certeza de que a imortalidade não é para ti.

— Prefiro a certeza dura à dúvida que me corrói — respondeu Gilgamesh. — Enquanto não ouvir da boca dele, sempre pensarei que há uma brecha, um segredo, um caminho que me foi negado por covardia, não por destino. Tive de passar pelos dois vigilantes e por serpentes que fugiram — por isso não vou desistir.

Urshanabi olhou para o chão, depois para o pântano ao longe, como se esperasse ver algum sinal nos juncos.

— Sabes ao menos o que fizeste? — perguntou, de repente. — Ao atravessar essas margens, deixaste escapar as serpentes, as mesmas que o imortal prendera eras atrás. Elas agora se espalharam pelas águas, tornando tudo mais perigoso. Não só para ti, mas para qualquer travessia futura. Tornaste o meu ofício ainda mais arriscado.

Gilgamesh franziu o cenho.

— Se o perigo aumentou, maior será a minha realização ao atravessar — respondeu. — Não recuo por causa de serpentes nem de águas turvas.

— Não falas como um rei, mas como um homem à beira do desespero — retrucou o barqueiro. — Um rei pensa em seu povo, na cidade que deixou para trás. Se morreres nas águas, quem governará Uruk? Quem guardará os muros que construístes?

— De que me servem muros, se um dia cairei como qualquer outro? — disse Gilgamesh. — Que os homens de Uruk contem minha história. Se eu voltar imortal, serei mais do que um nome gravado em tijolos. Se eu não voltar, ao menos morrerão sabendo que seu rei foi até o fim por aquilo que desejava.

Urshanabi balançou a cabeça, com um misto de reprovação e respeito nos olhos.

— Vejo que tua decisão está tomada — falou, por fim. — Minhas palavras escorrem sobre ti como água em pedra. Ainda assim, é meu dever dizer: não há garantia de que verás o outro lado com vida. Nem o brilho da tua arma de raios impressiona as águas que teremos de cruzar.

— Já vivi tempo demais sob as ordens dos deuses — disse Gilgamesh. — Agora quero, ao menos, escolher o caminho por onde vou ao encontro deles.

Urshanabi respirou fundo, resignado. Sabia que nada do que dissesse afastaria o rei de Uruk daquela busca.

Sem conseguir demover o rei de sua decisão de enfrentar os pântanos e suas águas traiçoeiras — e sabendo quão perigosa era a travessia, agora ainda mais, pois o rei deixara escapar as serpentes —, disse a Gilgamesh que trouxesse sessenta toras, que seriam besuntadas com betume e levadas no barco da travessia.

— Se vais insistir — disse o barqueiro, enfim —, então precisarás fazer mais do que falar. As águas não se cruzam apenas com nomes e títulos. Trarás sessenta toras: grandes, retas, fortes. Cada uma delas será besuntada com betume para não apodrecer na travessia.

Gilgamesh franziu o cenho.

— Sessenta toras? Para quê? — perguntou.

— Para serem tuas mãos e teus pés quando o barco não puder tocar as águas diretamente — explicou Urshanabi. — Nessas terras, há uma faixa de mar que nenhum barco atravessa sem apodrecer. Usaremos as toras como apoios, uma após a outra, empurrando a embarcação, sem deixá-la tocar a água maldita. — Fixou o olhar no rei. — E tu, Gilgamesh, irás cortá-las e trazê-las até aqui. Se realmente queres falar com Utnapishtim, começa por obedecer a este primeiro passo.

Gilgamesh apertou os lábios, mas assentiu.

— Trarei as sessenta toras — prometeu. — Não vim até aqui para recuar diante de trabalho de lenhador.

Urshanabi acrescentou, em tom grave:

— E entende isto: a partir do momento em que subires no meu barco, tua vida estará nas mãos dos caminhos que os Annunaki traçaram muito antes de ti. Eu apenas conduzo. Não salvo. Não garanto. — Fez uma pausa. — Se ainda quiseses ir depois de trazer as toras, partiremos.

Gilgamesh deu meia-volta sem responder, o coração pesado e decidido. Enquanto se afastava da moradia de pedra, ouviu, ao longe, a voz do barqueiro, mais baixa, como um aviso lançado ao vento:

— Que os deuses não vejam o que fazes, rei de Uruk... e que se compadeçam de ti, se descobrirem — isso se ainda souberem o que é compaixão.

E o rei, sem voltar atrás, foi em busca das sessenta toras, preparando-se para a travessia que o levaria até o Imortal do Dilúvio — ou até o limite final de sua própria vontade.

E assim partiram rumo à casa do Imortal.

Adentraram as águas pantanosas e, ao chegarem ao trecho mais perigoso, chamado por todos de águas da morte, foram colocando as toras besuntadas, uma a uma, formando um corredor por onde passaram com segurança — as serpentes foram afastadas pelo cheiro do betume.

Gilgamesh e Urshanabi subiram a estrada em silêncio por algum tempo, as sandálias do rei raspando nas pedras trabalhadas. Ainda na subida, avistaram à porta um homem e uma mulher ao seu lado.

Ao chegarem à casa, Gilgamesh olhou para o homem e a mulher à sua frente e espantou-se.

— *Eles têm a juventude dos deuses!* — pensou. — *Eu também a quero!*

O homem à frente de Gilgamesh era forte como um guerreiro de Uruk, só que muito mais alto; vestia uma fina túnica verde, e a mulher, uma longa túnica branca com uma tiara dourada adornando seus cabelos.

— Ele tem os cabelos brancos como os dos deuses! E a mulher também — e parecem muito jovens ainda!



Urshanabi inclinou-se levemente.

— Ziusudra, senhor do Dilúvio — disse o barqueiro, em tom respeitoso. — Eis o rei Gilgamesh, de Uruk. Cruzou desertos, florestas e o Mar de Juncos para chegar até tua casa.

Ziusudra fitou o visitante de cima a baixo: o corpo gasto, as roupas rasgadas, o arco às costas, a arma de raios à cintura e, sobretudo, o peso nos olhos.

— Muitos chegam até aqui cansados — falou Ziusudra, com voz calma —, mas poucos trazem nos ombros a mistura que vejo em ti: culpa, orgulho e medo. És mesmo Gilgamesh, aquele cujo nome ecoa entre os homens e os deuses?

Gilgamesh endireitou as costas, tentando recuperar um pouco da postura de rei.

— Sim, sou — confirmou. — Fui tirano, fui vitorioso, fui amigo... e agora sou apenas um homem que viu a morte de perto e quer escapar dela. — Deu um breve passo à frente. — Se és tu o Imortal do Dilúvio, então és aquele que pode me dizer se há uma brecha no destino dos mortais.

Urshanabi, ao lado, lançou um olhar rápido a Ziusudra, como quem lembra que já havia previsto aquelas palavras.

Ziusudra não respondeu de imediato.

Observou, pensativo, o rosto exausto do rei.

— Senta-te, Gilgamesh — disse ele, apontando para um banco de pedra próximo à entrada. — Quem vem de tão longe não deve falar com o coração em chamas e o corpo desfalecido. — Voltou-se para Urshanabi. — Tu, velho barqueiro, trouxeste-o com segurança. Sabes o que ele busca?

— Sei o suficiente, meu senhor — respondeu Urshanabi. — Ele teme a mesma água escura que engoliu tantos homens no passado. Quer o que julga ser tua bênção: viver sem conhecer o fim.

Gilgamesh apertou a bolsa onde repousava a arma de Utu.

— Vi muralhas ruírem, leões tombarem, homens se dobrarem ao meu comando — disse o rei. — Mas nada disso valeu quando Enkidu caiu no pó e os deuses o tomaram. Desde então, cada amanhecer me lembra que, um dia, serei eu. — Seus olhos encontraram os de Ziusudra. — Contam que tu escapaste do Dilúvio e ganhaste a vida eterna. Vim saber como, e se os Annunaki permitiriam que outro homem compartilhasse desse destino.

Ziusudra franziu levemente o cenho ao ouvir o nome dos Annunaki.

— Os homens contam muitas coisas sobre mim — respondeu ele. — Falam do Dilúvio, da grande embarcação, da chuva sem fim... — Ele fez uma pausa, o olhar perdido por um instante em lembranças antigas. — Mas pouco entendem do preço que se paga por permanecer quando tudo se vai. Queres viver para sempre, Gilgamesh, mas já pensaste no que significa ver todos os outros indo embora?

Urshanabi cruzou os braços, num gesto contido.

— Eu te disse que tua casa é cheia de respostas difíceis, Ziusudra — comentou. — Mas ele insistiu em subir este morro.

Gilgamesh inclinou a cabeça, impaciente.

— Não atravessei o Mar de Juncos para ouvir enigmas — disse, com dureza. — Se a imortalidade é um fardo, deixa que eu decida se posso carregá-lo. Pergunto-te claramente, Ziusudra: há um caminho para que eu não desça ao mesmo destino que os demais homens?

Ziusudra manteve o olhar nele, sem hostilidade, mas também sem ceder.

— Tu falas como aquele que bate à porta dos deuses exigindo audiência — declarou. — Ainda és o rei que forçou a entrada no espaçoporto dos nibiruanos e matou Humbaba, o Vigilante. — Seus olhos pousaram por um momento sobre a arma de raios. — E ainda carregas a ferramenta de um Annunaki, como se fosse tua por direito.

Gilgamesh respirou fundo, a voz carregando um traço de cansaço.

— Sim, matei o Vigilante. Sim, desafiei portões sagrados. — Fixou novamente o olhar em Ziusudra. — Mas o homem que subiu essa estrada não é o mesmo que tomava noivas à força em Uruk. Enkidu mudou meu coração, e a morte dele me arrancou o chão. Não busco apenas prolongar meu poder; busco fugir da escuridão sem retorno.

Ziusudra deixou o silêncio recair sobre os três por alguns instantes. Depois, voltou a falar, com suavidade, mas com firmeza:

— Gilgamesh, rei de Uruk, não posso te prometer o que nem mesmo pedi para mim. A imortalidade que recebi foi um decreto dos deuses, não uma conquista de minhas mãos. — Ele se levantou um pouco mais ereto. — Mas posso te contar como foi que os Annunaki falaram, como as águas subiram, e o que restou de um mundo inteiro afogado. Talvez, ao conhecer essa história, entendas o que realmente estás pedindo.

Gilgamesh manteve o olhar firme, mas havia, agora, uma sombra de hesitação.

— Então conta-me tudo — pediu ele. — Se, ao final, eu tiver que aceitar a morte como qualquer um, aceitarei.

Urshanabi soltou um leve suspiro.

— O caminho que começou em Uruk termina aqui, por enquanto — disse ele. — Daqui em diante, são as palavras de Ziusudra que decidirão se sairás daqui mais leve... ou mais atormentado.

Ziusudra fez um gesto com a mão, convidando-os a entrar em sua casa.

— Venham — disse o Imortal do Dilúvio. — Sentem-se à sombra daquilo que os deuses fizeram e desfizeram. Contarei o que vi quando o mundo se encheu de água, e então poderás perguntar de novo se realmente desejas escapar da morte.

Ziusudra os conduziu para dentro.

A casa, vista de perto, parecia mesmo um pequeno palácio: pilares de pedra cuidadosamente talhados com figuras de animais e estrelas, paredes ornadas com relevos finos e painéis coloridos, o piso em mosaicos que formavam ondas, barcos e sinais antigos.

No centro do salão, corria uma fonte baixa de pedra clara, onde a água caía em fios suaves, espalhando um som tranquilo pelo ambiente. Fruteiras de metal trabalhado exibiam figos, tâmaras e romãs, e tapetes bem tecidos cobriam partes do chão, amenizando a frieza da pedra.

Gilgamesh deixou que o olhar percorresse o salão, impressionado apesar do cansaço.

— Não esperava ver tanta beleza na casa de um homem que vive afastado dos outros homens — comentou o rei. — É como um fragmento de palácio em meio ao fim do mundo.

Ziusudra fez um leve gesto com a mão, convidando-os a se sentar em bancos de pedra revestidos com almofadas bordadas.

— Quem viu as cidades afundarem aprende a dar valor ao que permanece — respondeu o Imortal. — Se devo viver afastado do tumulto dos homens, que ao menos eu viva em meio à harmonia da pedra, da água e dos frutos.

Urshanabi, ainda em pé por um instante, olhou ao redor, impressionado também, embora já conhecesse o lugar.

— Toda vez que retorno, este salão parece mais vivo — disse o barqueiro. — Enquanto lá fora as cidades se erguem e ruem, aqui dentro tudo parece suspenso fora do tempo.

Os três se acomodaram. A luz que entrava por aberturas altas projetava desenhos no chão de mosaico, dançando conforme o vento movia discretamente as cortinas leves.

Gilgamesh, inquieto, foi o primeiro a quebrar o silêncio:

— Fala do Dilúvio, então, Ziusudra — pediu. — Quero ouvir desde o começo. O que fizeste para que os Annunaki te separassem do destino de todos?

Ziusudra apoiou as mãos nos braços do assento, um trono simples, porém bem talhado, com entalhes de ondas e navios na madeira escura.

— Não comecei como imortal, Gilgamesh — disse. — Eu era apenas um homem entre homens. Ainda que tivesse feito algumas coisas a mando de Enki — seus olhos vaguearam um instante pela parede, onde um relevo mostrava uma grande embarcação sobre águas revoltas. — Até que um dia, antes de a primeira gota cair do céu, um segredo me foi sussurrado.

Urshanabi inclinou a cabeça, atento.

Gilgamesh o fitava sem piscar.

— Um segredo? — insistiu o rei. — Um Annunaki falou contigo?

— Enki — confirmou Ziusudra. — Disse-me, não diretamente, pois não podia, que os homens haviam se tornado um incômodo aos deuses. Que o barulho das cidades, a arrogância dos reis, a crueldade dos poderosos e dos nefelins haviam enchido de desgosto o Conselho. — Fixou o olhar em Gilgamesh. — Teus abusos em Uruk, tua tirania... não foram únicos. O mundo antigo inteiro se parecia com o de hoje.

Gilgamesh sustentou o olhar, mas permaneceu calado.

— Ordenou-me que construísse uma grande embarcação — continuou Ziusudra. — Deu-me medidas, instruções, materiais e um Annunaki como guia, e advertiu-me: “Não digas a todos. Nem todos serão salvos”. Mas, pouco antes de as grandes águas caírem, fui numa missão muito especial a Shuruppak; depois voltei às pressas ao grande barco e, por pouco, não conseguiria entrar. O céu se transformou em água.

Urshanabi deixou escapar um leve murmúrio, enquanto seus olhos percorriam um painel que mostrava linhas de chuva descendo do céu.

— Fostes à antiga Shuruppak? Essa parte eu nunca tinha ouvido — comentou o barqueiro. — Fazer o quê?

— Atrás de *árvores da vida*!

— O que é isso?

— Não entenderás, não é algo para mortais, basta que saibas que eram “coisas”.

O rei, desinteressado do que seriam “árvores da vida”, perguntou:

— E quando construías o barco, o que os homens da época diziam?

— Riam. Achavam que eu era louco. Mas os Annunaki já haviam decidido. Quando as comportas do céu se abriram, quando a terra tremeu e as águas subiram, o riso virou grito.

A água da fonte continuava a cair com suavidade, em contraste com as imagens que suas palavras evocavam.

Gilgamesh se inclinou para a frente.

— Fala das águas — pediu. — O que viste quando tudo começou a se afundar?

— Vi cidades sumirem como se fossem feitas de areia, as maiores, até as de cristais, de zigurates e de obeliscos gigantescos — disse Ziusudra. — Vi templos, palácios, muralhas... tudo dissolvido pela fúria das águas. Homens agarrados a troncos, crianças sendo levadas pela corrente, e *Eles* também foram levados!

— *Eles* quem? — quis saber o rei.

— Os Nefelins! — respondeu o imortal.

— Mas nem todos! — disse Gilgamesh. — Sabes disso, não sabes?

— Sim, sei.

Gilgamesh fechou os olhos por um instante, cansado.

— E então — prosseguiu Ziusudra —, quando não havia mais nada além de água e céu cinzento, e o Dilúvio cumprira seu trabalho, os Annunaki se reuniram outra vez. Alguns se encheram de remorso. Outros falaram de ordem restaurada. E foi nesse Conselho que meu destino foi selado.

— Ali decidiram que viverias para sempre — concluiu Gilgamesh, com a voz baixa, enquanto seus olhos percorriam as colunas luxuosas, pensando no que significaria permanecer ali por eras.

— Decidiram que eu e minha esposa não deveríamos ter o mesmo fim dos mortais — corrigiu Ziusudra. — Principalmente por intervenção de Enki. Não foi prêmio. Não houve festa. Apenas um decreto: que eu e os meus fôssemos postos à parte, longe das cidades, longe dos conflitos dos homens, guardando a memória do que fora varrido.

Urshanabi respirou fundo.

— E assim vieste parar nesta ilha, neste topo de morro — disse o barqueiro, olhando em volta. — Com pomares, estátuas, fontes... e lembranças demais.

Ziusudra fez um leve gesto de assentimento.

— Por enquanto devo ficar aqui — respondeu, enigmático, e, para mudar de assunto, perguntou ao rei:

— Por que tu queres a imortalidade?

— Não quero ter o mesmo fim de meu amigo Enkidu. Eu também sou filho dos deuses, como tu és filho de Enki, o Senhor das Águas.

— Meu caro rei, a minha imortalidade foi concedida pelos deuses em razão de algo excepcional que fiz a mando de Enki: o salvamento dos humanos, mesmo contrariando Enlil e o Conselho dos Deuses, que nos queriam mortos e exterminados e não queriam que o povo de cabeças pretas soubesse da desgraça que se abateria sobre a Terra. Construí um barco para acomodar minha família e aqueles que me ouviram, assim como as chaves da vida de muitas espécies. E, pelo teu relato, tu mataste algumas delas em tua jornada até aqui. Pelo que fiz, concederam-me este presente e, ao mesmo tempo, o pesado fardo de ser imortal.

— Por que é um fardo ser imortal?

— Todos a quem eu amo ou quero bem morrem, e só nós, eu e minha esposa, ficamos vivos. É uma tristeza infinita que se acumula ano após ano.

— Não gostas de ser imortal?

— Tenho uma missão futura reservada pelo Princípio e deixo que a imortalidade possa descortinar meu destino.

— Eu quero ser imortal!

— O que tu fizeste para que o grande Conselho dos Deuses se reúna e te conceda a chave da vida eterna? Tu mataste o Touro de Inanna; não conseguirás que o Conselho te dê o que queres.

— Eu sou em parte divino, tenho em meu sangue o sangue dos celestes, aqueles que desceram do céu.

— Proponho então que fiques sete dias e sete noites acordado, e te direi onde encontrar vida longa — disse Ziusudra.

Mas Gilgamesh, cansado da longa jornada, logo adormeceu.

Ziusudra mandou sua esposa cozinhar pães, um para cada dia que ele ficasse dormindo.

Quando Gilgamesh acordou, havia sete pães ao seu lado.

Reclamou que apenas fechara os olhos.

Ziusudra mostrou os pães já azedos que tinham sido colocados ao lado do rei, um para cada dia que ele dormira.

— Não te darei a informação que buscas — disse.

E ordenou ao barqueiro: — Leve o rei para banhar-se, dê-lhe trajes novos e o leve de volta.

Algun tempo depois, quando Gilgamesh, após banhar-se e receber roupas novas, se preparava para subir no barco, a esposa de Ziusudra aproximou-se dele e lhe disse:

— Ele merece um presente. Passou por todo tipo de privações e provações para chegar até aqui, enfrentou feras selvagens, guardas da passagem, os perigos do Mar de Juncos e as serpentes.

O imortal caminhou em direção ao rei que, sentado no pequeno barco a remo, agora bem-vestido e alimentado, em nada se parecia com o maltrapilho barbudo de dias atrás. Estava cabisbaixo por não ter conseguido a chave da imortalidade depois de tudo pelo que passara.

— Se não posso ser como tu, Ziusudra — disse Gilgamesh, erguendo o queixo — então, pelo menos serei o homem que foi até os confins do mundo, lutou com deuses, guardiões e mares.

Ziusudra respondeu de forma direta:

— Rei, por causa da intercessão de minha esposa, eu lhe darei a indicação da planta da vida longa.

Gilgamesh olhou surpreso para Ziusudra.

Ziusudra deixou o olhar se perder um instante na superfície da água.

— A verdadeira imortalidade, Gilgamesh, nunca esteve na carne — disse ele. — Está no que permanece quando a carne se vai: as obras, as palavras, as cidades levantadas, as histórias contadas.

E concluiu:

— Nesse sentido, já és mais eterno do que imaginas. Uruk falará de ti por muito tempo, quer tu aceites ou não.

— Então dizes que, para viver para sempre, devo aceitar que vou morrer? — perguntou o rei.

— Digo que, para não desperdiçar a vida, deves aceitar que ela tem um fim — respondeu. — E, se ainda assim teu coração exigir mais, procura a planta nas profundezas. Ao menos, voltarás a Uruk com um vigor que te permitirá construir algo que dure além de ti.

Urshanabi deu um passo à frente.

— Já sei que me farás remar outra vez, rei de Uruk — disse ele, com um meio sorriso cansado. — Primeiro o Mar de Juncos, agora o mar profundo atrás de uma planta esquiva...

Gilgamesh assentiu, a decisão firmada em seu rosto.

— Remarás comigo, Urshanabi — afirmou. — Se não posso arrancar dos Annunaki um decreto de imortalidade, arrancarei das águas tudo o que puder para prolongar meus dias.

Ziusudra lhe disse:

— Rei de Uruk, há, neste mar, uma planta que te dará muitos anos de vida. O barqueiro vai mostrar-te o local. Só um celestial ou um de seus descendentes consegue mergulhar e ir até o fundo para buscá-la.

O rei despediu-se do homem e da mulher e subiu no barco.

Urshanabi conduziu o semideus até o local, e este mergulhou e voltou exultante com a planta nas mãos.

— Barqueiro, levarei esta planta até Uruk, e todos a comerão; não quero ser um imortal que irá sofrer com a morte dos meus entes queridos. Eles me acompanharão enquanto eu viver.

Após fazerem a perigosa travessia do Mar de Juncos, Gilgamesh foi banhar-se e deixou a planta em um lugar próximo.

Uma das serpentes *urru*, libertada acidentalmente pelo próprio rei, esguia e sorrateira, passou por ali e, atraída pelo cheiro, comeu a planta. No mesmo instante, mudou para uma nova pele.

Ao ver a serpente fugindo logo após mudar de pele, o rei caiu em prantos.

— Urshanabi, o que fiz aos deuses para que meu coração pranteie dia após dia? Perdi meu amigo e agora a oportunidade de viver uma vida longa.

Desiludido, despediu-se do barqueiro e seguiu seu caminho de volta a Uruk, depois de muito tempo longe de casa.

Deu uma última olhada para trás, na direção onde morava o sobrevivente do Dilúvio.

— Tanto esforço para nada... quero ser imortal, não quero morrer! — disse para si mesmo.